

INFERNO VERDE: REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA AMAZÔNIA NA OBRA DE ALBERTO RANGEL

Rafael Voigt Leandro¹

RESUMO: Neste trabalho, estuda-se como a representação literária presente em *Inferno Verde* (1908), de Alberto Rangel, desconstrói o mito do Eldorado Amazônico, principalmente ao reproduzir as relações entre os homens da região e sua interação com a floresta. Para tanto, em primeiro lugar, analisa-se como a obra se enquadra na história da literatura brasileira e qual a recepção de alguns críticos em relação à prosa amazônica de Rangel. Em seguida, ponderam-se algumas considerações a respeito do prefácio de Euclides da Cunha ao livro, em particular sua defesa à produção artístico-literária como método de entendimento dos enigmas socioambientais da Amazônia. Por fim, examinam-se as narrativas de *Inferno Verde*, especialmente o conto *Obstinação*.

PALAVRAS-CHAVE: Alberto Rangel, *Inferno Verde*, Amazônia, história literária do Brasil.

A obra *Inferno Verde* (1908), de Alberto Rangel, representa literariamente a Amazônia brasileira do início do século XX. Nesse mesmo período, mais precisamente em 1905, Euclides da Cunha chefia a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Na ocasião, as relações entre Euclides e Rangel se estreitam, uma vez que, como se verá, Rangel teve uma formação profissional semelhante à de Euclides e, de 1900 a 1907, foi engenheiro civil do governo do Amazonas.

Não é por acaso, então, que ambos manifestam-se como vozes genuínas da realidade amazônica da primeira década do século passado. Além disso, percebe-se que os dois compartilham uma visão menos paradisíaca do complexo amazônico. Em *À margem da história* (1909)², por exemplo, Euclides retira o falso véu que encobre a realidade da Amazônia. Por sua vez, Alberto apresenta um ponto de vista semelhante nos onze contos de seu *Inferno*. Em decorrência disso, não foi complicado para a crítica encarar Rangel como um escritor euclidiano, tendo em vista que à época Euclides já era o autor do aclamado *Os Sertões* e influenciava, com seu estilo e pensamento, a outros escritores contemporâneos. Em certos aspectos, é possível emparelhar a linguagem de Euclides e a de seu “discípulo”, percebendo certas semelhanças entre elas. No entanto,

¹ É licenciado em Letras-Português pela Universidade de Brasília (1º/2009). Atualmente, cursa como aluno especial a disciplina *Representação, História e Memória Cultural* (2º/2009), do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB, ministrada pelo Prof. Dr. Henryk Siewierski. E-mail: rafael.letras@gmail.com

² CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

neste estudo, preferiu-se tratar da prosa de Rangel sem recorrer imediatamente às peculiaridades da prosa euclidiana. Pretende-se, assim, verificar de perto qual representação literária da Amazônia Alberto Rangel realiza e de que modo sua prosa desconstrói o Eldorado amazônico ao denunciar a atroz realidade enfrentada pelos homens da terra ou por aqueles que a atravessam de passagem, a saber: seringueiro, cearense, extrativista, agricultor, índio, exploradores.

O plano estabelecido aqui para o entendimento da prosa de Rangel contempla quatro aspectos: i) uma breve explicação a respeito da biografia do autor, a fim de compreender sua trajetória intelecto-literária; ii) breve panorama da recepção literária de alguns críticos e historiadores da literatura brasileira à obra *Inferno Verde*; iii) exame do prefácio escrito por Euclides da Cunha, o qual pode ser encarado como primeiro estudo crítico acerca do livro de Rangel; e iv) análise e discussão de aspectos da prosa de Rangel disseminados nas narrativas de *Inferno Verde*.

I. A vida de Alberto Rangel³

Alberto do Rêgo Rangel nasce em Recife a 29 de maio de 1871. Em 1876, muda-se com a família para o Rio de Janeiro. Aos 17 anos, inicia seus estudos superiores na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ), onde conhece seu amigo Euclides da Cunha. No ano de 1896, torna-se bacharel em Ciências. Três anos depois, termina o curso de engenheiro-militar. Em 1900, é destacado para trabalhos na construção do porto de Tutóia, no Maranhão. Depois, segue para a cidade de Belém (PA). Em setembro daquele ano, pede baixa do serviço militar. No mês seguinte, decide partir para Manaus, como engenheiro civil. De 1901 a 1905, presta serviços ao governo do Amazonas. Retorna ao Rio de Janeiro em 1907. Nesse ano, entrega os originais de *Inferno Verde* (cenas e cenários do Amazonas) a Euclides da Cunha, para que este o prefacie. Após casar-se, viaja pela Europa. Em Gênova (Itália), manda imprimir seu afamado livro. Essa primeira edição vem ilustrada com gravuras de autoria de um artista italiano, Arthur Lucas⁴. *Inferno Verde* sai do prelo em 1908. Em 1913, Alberto Rangel publica *Sombra n'água*, volume de contos que traz novas imagens amazônicas. Nos

³ RANGEL, Alberto. *Quando o Brasil amanhecia: fantasia e passado*. Rio de Janeiro: INL, 1971.

⁴ Essas ilustrações estão no texto de Virgílio Zanolla intitulado *L'inferno verde e i Brasiliani a Genova* (2008). O documento encontra-se no seguinte endereço eletrônico: http://www.gruppocarige.it/grp/carige/html/ita/banca/arte_cultura/2008_4/pdf/letteratura_28_39.pdf. Convém destacar que o texto de Zanolla foi produzido em razão do centenário da obra de Rangel.

anos posteriores, vivendo entre a Europa e o Brasil, presta serviços diplomáticos ao governo brasileiro na França, Inglaterra, Espanha, Portugal. Assiste, então, às deflagrações das duas guerras mundiais. Nesse período, além de escrever outras obras de contos, como *Quando o Brasil amanhecia* (1915), publica também suas correspondências com amigos do Brasil (*Livros de Figuras*, 1920) e livros resultantes de seus estudos e pesquisas históricos, entre os quais: *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* (1912), *Fura Mundo* (1922), *Lume e cinza* (1924), *Textos e pretextos* (1926), *Gastão de Orléans* (1935). No final da vida, compôs textos teatrais. Seu último trabalho publicado, ainda da safra de temas históricos, foi *A Educação do príncipe: esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II* (1945). Falece em Nova Friburgo (RJ) em 14 de dezembro de 1945.

II. O lugar de *O Inferno Verde* na história literária brasileira

Com sua representação literária da Amazônia, Alberto Rangel impulsionou análises e opiniões por vezes contraditórias de alguns críticos e historiadores da literatura do Brasil. Ao escrever acerca do regionalismo produzido entre o final do século XIX e início do XX, Nelson Werneck Sodré (1938)⁵ classifica a literatura amazônica de Euclides e Rangel como “deformações do regionalismo”. De acordo com Sodré, os dois pintaram a violência da natureza amazônica com um “ardente verbalismo”. Com ares de exagero, o crítico assevera que “o descompasso entre a realidade e o texto, tudo artifício que afugenta o leitor, tira-lhe toda e qualquer possibilidade de conhecer a região pelo depoimento.” Nesse ângulo, o historiador defende em sua crítica o caráter documental da literatura. Para ele, a “boa literatura” é aquela que serve como “documento histórico de um período”. Nelson Werneck Sodré sequer aprofunda-se em seu exame a respeito de *Inferno Verde*. Sua abordagem não vai além de um “ardente verbalismo” que tanto abomina.

Aparentemente consoante a Sodré, Agripino Grieco (1948)⁶ denomina Rangel como “força da literatura regional”. Ao expor suas impressões, Grieco assinala que, em sua narrativa, o autor de *Inferno Verde* não deixa de lado os atributos de um homem de ciência. Para Agripino, Rangel escreve em brasileiro. Isso parece dialogar com um trecho do prefácio que Euclides da Cunha preparou para o livro de Rangel, quando o

⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

⁶ GRIECO, Agripino. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

preambulador critica o hábito brasileiro de pensar em francês, alemão e, até mesmo, em português. Em face do possível estranhamento que a linguagem de *Inferno Verde* poderia causar aos leitores e críticos, Euclides destaca:

[...] o nosso conceito crítico é de si mesmo instável e as suas atuais sentenças transitórias. Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o falso e o incharacterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça.” (1927, p. 19)

Em harmonia com esse pensamento, Agripino Grieco diz que somente os “críticos de estômago fraco” julgam indigesto o *inferno* narrativo de Rangel. Entretanto, Grieco não desmistifica a intrincada e tortuosa expressão literária desse autor. Para o estudioso carioca, “é preciso acostumar-se à linguagem do sr. Rangel, que exige iniciação talvez penosa.” (p. 242)

No compêndio *A literatura no Brasil* (1955), organizado por Afrânio Coutinho, há um capítulo escrito por Peregrino Júnior⁷ em que se procura traçar uma linha do tempo do regionalismo amazônico, desde o Naturalismo até o Pós-Modernismo. Na passagem dedicada ao momento pós-naturalista, representado por Euclides e Rangel, o autor do capítulo comenta que o segundo momento do regionalismo amazônico caracterizou-se pelo misto entre o deslumbramento pela Natureza e a “embriaguez verbal”. A respeito do estilo literário empregado em *Inferno Verde*, Peregrino Júnior não foge das considerações traçadas pelos críticos citados anteriormente. Entre outros adjetivos, Peregrino resume a prosa de Rangel como um “estilo torturado, descrição da terra e do homem num certo tom grave e triste de espanto, de exaltação, de perplexidade” (p. 158). Acrescenta ainda: “Descreve Alberto Rangel, em estilo rígido, inquieto e castigado, o pungente realismo do *Inferno Verde*. Algumas de suas páginas são fortes e poderosas, embora muitas delas se percam no puro jogo verbal do seu estilo peculiaríssimo” (p. 161).

Em longa carta a Euclides da Cunha, o crítico cearense Araripe Júnior (1908)⁸, ao contrário de Sodré, Grieco e Peregrino, não se reporta ao *Inferno Verde* com olhar generalista. Nesse sentido, cabe extrair da missiva as impressões de Araripe ao ler o

⁷ _____. Grupo Nortista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Larragoiti, 1955.

⁸ ARARIPE JR., Tristão de Alencar. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966. v. 4 (1901-1910)

conto Maibi: “Não havia mais dúvida; Alberto Rangel revelara-se para mim um escritor original, novo, novíssimo, não pelo uso do arrebique *nefilibata*, mas pelo uso da terra e das riquezas estéticas de estanhíssima fatura, que a virgindade amazônica lhe havia fornecido” (p. 253). O crítico ressalta ainda quatro contos, aos quais se refere como “reflexões filosóficas e sociais”: Um conceito do Catolé, Hospitalidade, Teima da Vida e Obstinação. Por último, Araripe adita que as narrativas de *Inferno Verde* não pertenciam a Rangel, mas sim à região, ao ambiente, ao “caboclo que lhe narrou na igarité alguma história de outiva” (p. 256). Segundo Araripe, isso explica a “vernaculidade amazônica” do escritor “engenheiro-poeta” e “discípulo” de Euclides.

Em *História concisa da literatura brasileira*, a única referência que Alfredo Bosi (1970)⁹ faz a Rangel reforça a idéia de que Euclides da Cunha influenciou consideravelmente seu estilo. Como se pode notar, esse pensamento perpassa a crítica brasileira. Outro exemplo da presença desse julgamento encontra-se em carta de Monteiro Lobato a Alberto, em que assinala: “[...] só lhe dão o verdadeiro valor os que aprendem a ler a sua língua. É uma coisa tão nova em nossa literatura que é ‘outra coisa’. Requer aclimação. Daí os mais disparatados juízos a seu respeito. Um deles: estilo de engenheiro. Outro: Euclides da Cunha ‘agravado’” (TIN, 2008)¹⁰. Em relação a essa “pecha” de escritor euclidiano, Rangel se defende em correspondência a Péricles Moraes: “A propósito do pouco que se sabe na cota de minha modesta atividade literária e do que é devido ao ingente e inolvidável Euclides, não lhe parece ter havido uma espécie de conspiração para me reduzir a um simples percevejo do lombo euclidiano?” (PAIVA, 2009)¹¹

III. Euclides e o prefácio *infernal*

O preâmbulo de Euclides da Cunha¹² constitui capítulo à parte em *Inferno Verde*. Em seu estilo inconfundível, descortina com rigor a narrativa amazônica de Rangel, bem como seus reais propósitos ao registrar uma efêmera realidade histórico-social da Amazônia que, nas palavras de Euclides, jamais se reproduziria novamente na história.

⁹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003.

¹⁰ TIN, Emerson. *Monteiro Lobato e o “Grande Opilado”*: cartas a Alberto Rangel. São Paulo: USP, 2008. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações e Convergências.

¹¹ PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. *O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel*. Grupo de Trabalho de Sociologia da Arte. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOLIOLOGIA (28-31 jul. 2009, Rio de Janeiro)

¹² CUNHA, Euclides. Preâmbulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)*. 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

No início do prefácio, Euclides se detém em considerações gerais acerca da Amazônia e do método utilizado para estudá-la. De saída, enfatiza que a Amazônia é “o maior dos problemas fisiográficos”. Pode-se afirmar que Euclides indica que a epistemologia da “ciência amazônica” somente florescerá se se preocupar menos em revelar a *hiléia* por inteiro. Segundo ele, a enormidade da floresta só pode ser medida, se repartida. Sendo assim, indica que os estudos de geólogos e botânicos já apontam nessa direção. Para Euclides, somente num futuro tardio, se conhecerá os segredos da Natureza: “A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural...” (p. 5)

Ao abordar a obra em si, Euclides destaca as “linhas nervosas e rebeldes” de *Inferno Verde*. Do título aos contos, o olhar do prefaciador reconhece que facilmente as páginas de Rangel despertariam *estranheza, desquerer e antagonismo instintivo* da crítica corrente. Porém, Euclides salienta que essa postura da crítica não seria impulsionada pelo estilo do autor, mas sim pelo que a Amazônia tem de incompreensível. Euclides percebe que a capacidade de descrição de Rangel enche de vida o que se costuma chamar de “natureza morta”. Nessa linha, o autor de *Os Sertões* afirma que um sábio não seria capaz de desvendar a “esplêndida nudez da virgindade” amazônica de modo tão arrebatador quanto um artista. Nesse ponto, em espécie de meditação, Euclides crava um curto parágrafo: “Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis.” (p. 9)

Mais à frente, há um destaque para o elemento humano, a quem Euclides se refere como “ator agonizante” entre “as magias daqueles cenários vivos” (p. 11). A análise euclidiana insiste nessa “cruel antilogia” de lugar exuberante, mas com povo depauperado: “sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo...” (p. 12). Esse pensamento precede as considerações de Euclides a respeito de alguns dos contos do livro, especialmente aqueles em que o caboclo, o homem da terra, emerge com potência literária, contudo abalado pelas amargas condições sociais do mundo amazônico. Demora-se, em particular, no conto *Obstinação*, em que Rangel narra, com recursos metafóricos retirados da floresta, o desastroso fim de um ribeirinho oprimido pela cobiça e pelo poder político de um dono de terras da região. Ainda acerca desse conto, Euclides afirma que um botânico ou um sociólogo não descreveriam aquele quadro ambiental e social de maneira tão viva quanto Rangel.

Na última parte, o espírito crítico literário de Euclides reforça que, para reproduzir literariamente a realidade amazônica, é preciso se valer das formas

condizentes: “Realmente, fora impossível subordinar a regras prefixas, efeitos de longos esforços culturais, as impressões que nos despertam a terra e a gentes, que mal se descortinam, agora, aos primeiros lampejos de civilização.” (p. 18). Embora elogie o trabalho de Rangel como “um grande livro”, Euclides não o exime das possíveis críticas que encontre defeitos na obra. Porém, ressalta que é preciso distinguir quais são os defeitos do autor e os do assunto.

Nos parágrafos finais do preâmbulo, Euclides defende uma emancipação cultural da nação, com o desenvolvimento de uma linguagem brasileira para expressar e estudar os assuntos nacionais. Abre uma exceção apenas para a ciência, por considerar que a dos estrangeiros está mais desenvolvida. Em relação à representação artística da Amazônia, defende o artista nacional, em especial Alberto Rangel. Nesse sentido, afirma que *Inferno Verde* faz a seguinte denúncia: “Para os novos quadros e os novos dramas, que se antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.” (p. 21)

Para finalizar, Euclides engrandece as qualidades do livro com os seguintes dizeres: “É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança.” (p. 22).

IV. Cenas e cenários do Amazonas

O título de *Inferno Verde* estremece o leitor. Seu alerta soa bem claro: o paraíso amazônico não existe. Diante da conflituosa relação entre homem e natureza naquela região, o conceito de inferno substitui facilmente o do paraíso. Para o observador externo, que se deleita com as maravilhas naturais da Amazônia, aquele território se assemelha ao mitológico Eldorado. Entretanto, a experiência cotidiana de caboclos, seringueiros, ribeirinhos, índios, aventureiros, “cearenses”, destituem de sentido o paraíso sonhado. A aclamada paragem edênica talvez exista para os exploradores politicamente assoberbados, que se auto-proclamam os “donos da terra”, com papel passado [*Obstinação*]. Esquecem-se, contudo, que as leis civis não coincidem muitas vezes com as leis naturais. A natureza tem sua força [*Tapará*]. Seus sinais de resistência podem estar nas “terras caídas”, nas cheias, nas turbulências repentinas dos rios, no naufrágio de embarcações, na canícula sufocante, nos estridentes das madrugadas, no ataque inesperado de animais invisíveis. Se não for o inferno, será o purgatório. Doenças, chagas, delírio, danação, maximizam o quadro tétrico da situação social [*A teima da vida; Inferno verde*]. A alquimia socioambiental estraçalha qualquer esperança

de mudança nas relações trabalhistas dos seringais. O sangue branco das árvores se confunde algumas vezes com o sangue dos homens e mulheres abatidos pela violência [*Maibi*]. Luta-se a favor da escravização [*Um conceito do Catolé*]. Presos às árvores, perdem de vista a terra natal. Muitos não vieram de cidades próximas. Foram tragados pelo desejo de fugir da “eca nordestina” e conquistar riquezas inimagináveis. Alguns conquistam um pouco. Porém, a grande maioria se estropia nas estradas dos seringais. Outra leva de desesperados procuram ouros de todas as qualidades. Há ladrões que assassinam pobres infelizes para roubar pedras sem valor, como as peritas [*Pirites*]. O extrativismo predomina em suas mais variadas manifestações. Os agricultores são poucos. Arriscam-se em retirar o benefício possível da terra de salvação. Mas, a natureza amazônica é traiçoeira. Do dia para a noite, uma transformação telúrica pode desfazer as míseras habitações [*Terra caída*]. É tudo muito incerto. Tão incerto quanto encontrar os antigos habitantes da paisagem: os índios. Ao encontrar uma índia Mura, é difícil conter a repugnância e o medo por seu estado deplorável [*A decana Mura*]. Perde sua beleza indígena, mas não perde seu espírito combativo contra os invasores. Filha legítima da terra, chora a perda dos seus irmãos de tribo. Seu lamento comove a mãe natureza. De tempos em tempos, ela se encarrega de expulsar os malditos intrusos, como forma de vingança. Num universo de tamanhas contradições, ninguém se surpreende com a sincera hospitalidade de um bandido diabólico [*Hospitalidade*]. Nesse *inferno*, o paradoxo é uma das leis.

Essa digressão passa em revista o catálogo temático da obra de Alberto Rangel. Para entender mais de outras particularidades da prosa rangeliana, faz-se necessário desbravar algum de seus contos. Entre a descrição da paisagem e as impressões de um viajor, o narrador se infiltra pela realidade. Nas *picadas* abertas nas matas marginais dos rios, escrutina principalmente as antilogias do lugar, as aparentes inverossimilhanças sociais e a presença da natureza nos destinos dos homens.

Nesse fluxo, *Obstinação* aparece como um dos contos mais representativos da atmosfera de *Inferno Verde*. Nele, Alberto Rangel traça uma esplendorosa metáfora para retratar a situação do pobre agricultor Gabriel. Esse personagem vivencia uma verdadeira opressão social causada pela cobiça e poder político do manda-chuva Roberto, um “cearense”, dono de um portentoso latifúndio. Visando aumentar suas riquezas, serve-se de sua autoridade política e consegue a autorização do governo para tomar as terras de Gabriel.

O conto inicia-se com uma descrição cuidadosa de Rangel acerca dos períodos de seca e de cheia do Amazonas. Essa explicação objetiva dar ao leitor um breve relato

de como se arregimentam as leis naturais. Não por acaso, o alagamento do rio ocorre no primeiro dia de Novembro, véspera de Finados. Essa lembrança conduz o narrador a descrever os cemitérios que se encontram à margem do rio. Com esse pano de fundo, o personagem Gabriel aparece após sair de uma das cerimônias em honra aos mortos. Sua preocupação, entretanto, passa ao largo disso. Teme perder sua terra ao coronel Roberto. Nesse ponto, o discurso literário rangeliano denuncia a presença de usurpadores de terra da região:

O mandão de toda a planura da costa, sendo a maior influência política do Município, era também o usurpador máximo dessa região. Unicamente o “tuxaua” prosperava, quando tudo caía no atraso e na miséria. (p. 157)

Em decorrência disso, a configuração socioeconômica da região se alterou. Pelo uso da violência, a pequena propriedade foi engolida pela grande. Os latifundiários dominavam o povo. O tom de denúncia prossegue:

Por funesta retrogradação, o regime da pequena propriedade transmudava-se devorado pela grande. O insaciável político era um dos fatores desse criminoso descaminho econômico, a dinheiro, a dolo ou a violências da força. Tanto é certo que a alma, sobrepujada de instintos maus, agindo mesmo no campo limitado de sua própria influência, pode perturbar a boa marcha evolucionar de toda uma sociedade. (p. 158)

A consciência social de Gabriel deixa marcas no discurso literário. Sua preocupação com a família numerosa faz-lhe ter uma falsa esperança de que aquela situação possa mudar. Pensava, inclusive, em pedir o usucapião da terra, que reconhece o direito à posse. Entretanto, em face da figura abominável do dominador, o narrador retira qualquer esperança do caboclo permanecer em sua propriedade:

Da parte do Roberto havia, essencialmente, um despeito cruel. Ao assomo até então vencedor na sua paixão de dominar, aquele velho caboclo, desprezível, era embaraço que o irritava. Por isso, o maioral não descansou enquanto não decidiu o golpe. (p. 161)

Essa preocupação de Rangel com os socialmente desprivilegiados também aparece em outros contos. Seus dramas são retratados com verossimilhança. Em *Inferno Verde*, as narrativas não trazem finais felizes. O lirismo idílico do paraíso amazônico

não compõe as tramas urdidas por Rangel, a partir de sua experiência naquele ambiente. Quando são inseridos nos enredos, os momentos de alegria, a música, os festejos, os rituais são passageiros. O destino de Gabriel não pode ser diferente. Seu martírio certamente deveria continuar. Apesar da obstinação do caboclo, o Coronel era inflexível às dores e infelicidade de qualquer família. A disposição de multiplicar a extensão de sua propriedade sustentava sua vontade.

A disputa desleal entre o dominador Roberto e dominado Gabriel recebe das habilidades narrativas de Rangel uma metáfora precisa retirada de estado semelhante encontrado na relação parasitária entre a árvore do apuizeiro e do abieiro. Mesmo um pouco longa, essa passagem do conto merece ser transcrita na íntegra:

O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo por sobre ele um milhar de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é uma luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe donde. Depois, esse filete intumescce, e, avolumado, se põe, por sua vez a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constringente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuizeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdece imortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distinção, mas o maniatado parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que um arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláreo colado à árvore, para que, em renovos, o carrasco cometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipó é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.

A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quase na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duelo vegetal um espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social... (p. 165-166)

Alguns compadres de Gabriel surgem na história, para tentar ajudá-lo. Infelizmente, era inútil aquele esforço. O narrador lembra que os caboclos são “humildes criaturas que haviam de ser vencidas de roldão”. Mesmo que houvesse uma visível contradição no caso: muita terra para apenas um homem. Esse controle visava manter sob sua autoridade as levas de imigrados que lá aportavam. Roberto tinha apetite de Gargantua e cabeça de Medusa. Ao se referir desse modo ao personagem, Rangel demonstra como sua prosa é influenciada também pela tradição literária européia. Em seus contos, a intertextualidade e o dialogismo com os cânones da literatura são recorrentes. Victor Hugo, Almeida Garret, Lord Byron, Alexandre Herculano, encontram-se ora em epígrafes, ora em trechos das narrativas.

O velho caboclo Gabriel questiona-se o porquê de Roberto desejar tantas terras, por mais que a propriedade fosse improdutiva. Chega à conclusão de que o desejo indireto de Roberto era acabar com os caboclos. Para fugir à sanha do latifundiário, Gabriel dispõe-se a tornar o herói. Não se deixaria abater pelo Coronel. Não sucumbiria ao sabor do opulento do intruso. Quando foi intimado a se retirar da propriedade, não fraquejou. Prometeu somente se retirar caso o arrancassem dali. No dia aprazado, disse aos familiares que sairia um momento para procurar um local onde pudessem se estabelecer. Sua intenção, no entanto, era justamente o contrário: permaneceria na terra. Para tanto, fez dela seu túmulo. No trecho a seguir, Rangel descreve, com jeito naturalista, em que estado o cadáver do herói caboclo fora encontrado:

[...] Encoberto pelo enorme tronco de uma sapucaia e também disfarçado pela toíça virente de anajás, o caboclo jazia enterrado até o peito. Da terra revolvida a caveira surgia horrível, putrescente, mal fixa nas vértebras cervicais à mostra. Sob o pano de azulão do casaco se adivinhavam, pendidos das espáduas descoladas, os braços descarnados com o tórax já gretados pelos vermes, desemplastrando-se tudo do revestimento de músculos apodrecidos numa deliquescência ignóbil. (p. 170-171)

Ao narrar a agonia do caboclo-herói Gabriel, o discurso literário de Rangel impele o pensamento a respeito da condição sócio-histórica do caboclo, fustigado pelos ciclos da borracha e da invasão de latifundiários. Dialoga com isso a tese sustentada pelo narrado do conto *O Tapará*, segundo a qual a mistura de sangues entre os caboclos e os outros povos da terra formariam o “brasileiro tipo definitivo de equilíbrio

etnológico”. Essa utopia não se mantém diante das agruras enfrentadas no embate explosivo de forças sociais presentes no palco amazônico.

Esse estudo a respeito de *Inferno Verde* não pode terminar sem fazer referência direta ao conto que lhe dá nome. Na história, narra-se como o engenheiro-aventureiro Souto foi vítima de sua exploração, até bem intencionada, na floresta. Em seus caminhos, somente conquistou doenças e chagas que o levaram a um estado de delírio diante de sua morte iminente. Sem vislumbrar seu restabelecimento, investiu-se contra um roseiral. Por consequência, seu sangue lavrou a terra. Suas últimas palavras foram apenas: “- Inferno!... Inferno...verde!.” (p. 279). Ao evocar a malfadada natureza, o personagem parece pedir ao narrador que deixe a terra amazônica justificar as suas investidas contra os homens. O narrador, então, abre espaço à “voz da floresta”:

Perdô-te e compreendo o estigma que me lanças. Fui um paraíso. Para a raça íncola nenhuma pátria melhor, mais farta e benfazeja. Por mim as tribos erravam, no sublime desabafo dos instintos de conservação, livres nas marnotas pelas bacias fluviais afora. Ainda hoje, o caboclo, sobra viril e desvalida nos destroços da invasão, vive renunciado e silêncios, adorando-me e bendizendo: seu repouso edênico sua plaga abençoada, seu recanto pacífico, na herança feitiza e venerativa dos povos autóctones de onde proveio. Diante dos insucessos da avidez do “branco”, o nativo murmurará: [...] Inferno é o Amazonas... inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras d’onde veio carinhosamente resguardada na alma ansiada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta [...] [a terra afirma:] Sou a terra prometida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra de civilização...

Nesse discurso ambiental, o narrador rangeliano esclarece que o “paraíso amazônico” somente existiu para o verdadeiro habitante daquela “pátria”. A destruição do Eldorado ocorreu em virtude da avidez do “branco”, explorador moderno. Contra seu impulso violento, desde então, a terra reage violentamente. Essa sanha dos audaciosos aventureiros desperta a parte infernal daquele lócus. Desapropriar o nativo e ferir a floresta em busca de posses e tesouros são formas de destruir a harmonia de um Éden sonhado. Em sua fala, a floresta anuncia que a volta do paraíso depende do avanço da civilização. Tal avanço exige ajustes morais que impeçam a prevalência de vaidades e ambições, responsáveis, em boa medida, pelo medonho estado social amazônico no início do século passado.

V. Mais algumas considerações

Como este trabalho trata-se de uma investigação preliminar a respeito de *Inferno Verde*, algumas questões ficaram apenas esboçadas. Em estudos posteriores, pretende-se aprofundar especialmente quais relações entre a obra de Rangel e os discursos literários que a precederam. Nessa direção, poder-se-á analisar em que medida Rangel dialoga com determinados escritores nacionais, como Inglês de Sousa e José Veríssimo, ou até mesmo com escritos de alguns viajantes que estiveram na Amazônia em séculos anteriores, como o Padre João Daniel, a fim de entender como esses representaram os aspectos *infernais* da Amazônia.

Outro problema subjacente à prosa de *Inferno Verde* refere-se ao modo como discurso ambiental atravessa o discurso narrativo. Nesse mesmo rumo, pode-se ainda estudar como o discurso sociopolítico se mistura com esses outros discursos, ou seja, como se estabelecem a comunhão ou embate entre eles. Cabe também investigar com maior acuidade as técnicas narrativas que Rangel se utiliza, com intuito de ir além da identificação de traços de “rebuscamento” pulverizados na obra. Nesse ponto, é possível também explorar as aproximações entre as obras amazônicas de Euclides e as de Rangel. Esse estudo comparativo poderia revelar a inter-relação entre seus projetos intelectuais e literários sobre a Amazônia.

No que tange aos estudos historiográficos e críticos, é fundamental que se insiram os trabalhos mais recentes sobre *Inferno Verde*, a fim de demonstrar quais os avanços foram dados para o entendimento das potencialidades da obra no que se refere à representação artística da Amazônia. É preciso questionar, ainda, como trabalhos literários desse e de outros calibres se “apropriam” da Amazônia, como eles reforçam ou desconstroem os mitos criados a respeito da floresta. Embora Rangel tenha escrito *Inferno Verde* na primeira década dos anos 1900, por detrás da *mata fechada* de sua prosa, parece haver eldorados de respostas para os mistérios da Amazônia. Para encontrar essas respostas, basta embarcar em uma “igarité crítica” e se embrenhar nos “furos” dessa *aterrorizante* narrativa...

Referências Bibliográficas

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966. v. 4 (1901-1910)

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Preâmbulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)*. 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

GRIECO, Agripino. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

PEREGRINO JR. Grupo Nortista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Larragoiti, 1955.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)*. 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

_____. *Quando o Brasil amanhecia: fantasia e passado*. Rio de Janeiro: INL, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. *O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel*. Grupo de Trabalho de Sociologia da Arte. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOLIOLOGIA (28-31 jul. 2009, Rio de Janeiro). Disponível em: <http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/TrabalhoSite/TrabalhosSite.asp?Codigo=47>. Acesso em: 08 set. 2009

TIN, Emerson. *Monteiro Lobato e o “Grande Opilado”: cartas a Alberto Rangel*. São Paulo: USP, 2008. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações e Convergências. Disponível em: http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/081/EMERSON_TIN.pdf. Acesso em: 02 set. 2009